

A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS: OS MESTRES GRIÔS EM AÇÃO

PINHEIRO, Cristiano Guedes¹; BUSSOLETTI, Denise Marcos²

Orientador: BUSSOLETTI, Denise Marcos ²

¹Universidade Federal de Pelotas – cgptapes@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – denisebussoletti@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Durante muito tempo, no Ocidente, as fontes orais foram tratadas com desconfiança, quando não marginalizadas, sobre sua fidedignidade para a reconstituição do passado. Desde o fim da Segunda Guerra Mundial, porém, vem ocorrendo uma mudança contínua no sentido do reconhecimento da história oral como fonte válida, tanto quanto as fontes documentais. Atualmente, a oralidade é tema corrente nas universidades, chegando a ter encontros próprios, em nível regional, nacional e internacional.

O objetivo desse estudo é identificar a oralidade, mais especificamente a prática popular da contação de histórias pelos mestres *griôs*¹, não só como fonte válida, mas, principalmente, como um processo educativo e de resistência de comunidades negras marginalizadas no município de Pelotas. Para isso, trataremos aqui, de dois casos específicos, o de Dona Sirley e o de Mestre Baptista, dois *griôs* do movimento negro de Pelotas, cidade histórica no Sul do Rio Grande do Sul, a qual conta com uma grande contribuição da cultura afro-brasileira, tanto para a sua formação, quanto para a constituição de seu imaginário.

Este estudo tem sua origem nas pesquisas desenvolvidas junto ao NALS (Núcleo de Arte Linguagem e Subjetividade) ligado à Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Pelotas. Ao longo dos últimos três anos e meio o NALS vem desenvolvendo um conjunto de projetos de valorização e visibilização de diversas formas de manifestações da cultura popular. Um desses projetos em específico é o Fórum Internacional de Contadores de Histórias (FICH), realizado anualmente, estando agora em 2011 em sua terceira edição. Através das narrativas populares o fórum tem buscado o diálogo com grupos periféricos e com aquilo que nominamos de “estéticas marginais”, ou mesmo, “estéticas periféricas”, promovendo assim, sua visibilidade e o exercício de uma cidadania emancipatória através da arte e da cultura. Além de compor uma das linhas de pesquisa desenvolvidas pelo NALS, a discussão desenvolvida neste estudo constitui-se na temática de base para a pesquisa de dissertação de mestrado do autor, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UPPel.

¹ Os *griots*, em terminologia francesa, ou *dieli*, em bambara, são animadores públicos, contadores de histórias, músicos, diplomatas, genealogistas ou poetas, característicos da chamada África Ocidental, com destaque para a região do Mali, Senegal, Gâmbia e Guiné. Percorrem suas comunidades, regiões e os países, contando e cantando suas histórias, em buscas de informações para suas genealogias ou em alguma missão diplomática. Essa tradição chegou ao Brasil junto com os negros vindos da África ao longo de mais de 300 anos de escravidão, aqui sendo adaptada e se tornando instrumento para a manutenção das culturas africanas em terras brasileiras, bem como, ferramenta de resistência e transmissão dos saberes e fazeres das comunidades negras.

Os estudos e o trabalho a partir do FICH têm possibilitado assim, conhecer melhor as comunidades a que pertencem Dona Sirley e Mestre Baptista, e como se dá o processo de transmissão/ensino dos saberes e fazeres entre os mestres *griôs* e suas comunidades. Esse panorama que está sendo desvelado, o da produção e da transmissão de saberes populares (tidos aqui, como práticas de ensino transformadoras), nada tem de novo, porém, está na perspectiva crítica aqui assumida, de valorização das culturas populares como fazeres e saberes válidos.

Para além disso, entendemos que os *griôs* mantêm a memória coletiva e a vivacidade dos costumes de suas comunidades, que propiciam a elas uma intensa e profícua ferramenta de educação e resistência, resistência às tentativas de homogeneização, de destruição daquilo que é tradicional, daquilo que é popular, daquilo que é tão moderno quanto a própria Modernidade. E que, em última análise, podem contribuir para a construção de novas formas de organização e educação comunitárias, alternativas à atual “sociedade das coisas”. Ou seja, formas de educação e organização comunitárias, que transformem o mundo num lugar melhor para se viver.

Em tempos de pós-modernidade onde as novas diretrizes do mundo globalizado apontam para processos de homogeneização e o fim das “fronteiras nacionais”, buscam-se formas que possibilitem sobreviver, ou até mesmo viver, nesse tempo, cujo nome próprio alguns querem adjetivar com “Fim da História”. Mas então, a despeito da chamada “crise de paradigmas” que ronda o tempo presente, o que é “novo” nesse processo? Responde Bhabha, que o que pode ser inovador do ponto de vista teórico e político, na contemporaneidade, é a necessidade de focalizar os momentos e os processos onde são produzidas as subjetividades originárias, respeitando e articulando as diferenças culturais existentes. E isto inscreve-se num espaço, denominado de “entre-lugares” onde as diferentes estratégias de subjetivação, tanto singular como coletivas, podem significar novas identidades, tanto no sentido da colaboração como da contestação definidora da idéia de sociedade (BHABHA, 1998, p. 20).

E é através da motivação que esses “entre-lugares” fornecem como possibilidade de elaboração, definidores da sociedade e seus sujeitos, que se entende o “local da contação de histórias” ou o “local da cultura popular dos mestres *griôs*”. Isto não como uma área geográfica espacial, ou de um segmento social, mas fundamentalmente como uma proposta de localização da cultura nesse espaço de “entre-lugares”, avesso às fronteiras rigidamente impostas como limites.

De outro lado, conforme alertou Walter Benjamin, “contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo” e caso essas histórias não sejam mais contadas elas vão se perdendo. E vão se perdendo porque “ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história”. Nesse processo de escuta, o ouvinte aprende junto com a história o ritmo do trabalho ao mesmo tempo em que desenvolve o dom da narrativa. Assim, percebemos então, a importância da figura do narrador, do indivíduo forjado na experiência e que domina a arte da oralidade: “O narrador colhe o que narra na experiência, própria ou relatada. E transforma isso outra vez em experiência dos que ouvem sua história”. E mais, essa experiência é a “experiência que anda de boca em boca”, que é a “fonte onde beberam todos os narradores”, ou seja, a experiência popular de contar e re-contar histórias. Experiência esta, aqui entendida como potencial transformador, assimilada e cultivada pela cultura popular como força criadora, capaz de mudar a vida. (BENJAMIN, 1980, p. 58-60).

2. MATERIAL E MÉTODOS

Os objetivos traçados para a pesquisa, tanto do NALS como para a dissertação de mestrado do autor, estão sendo alcançados através dos pressupostos metodológicos que caracterizam a pesquisa qualitativa em educação. Dessa forma, considerando o recorte temático aqui proposto, a abordagem adotada tem sido o *estudo de caso*. A *coleta de dados* por sua vez, tem se dado através da *observação participante*, da *entrevista narrativa* e da *análise documental*, tendo na *análise dos dados* o momento em que se fechará o processo metodológico da pesquisa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

As pesquisas, a que esse trabalho se refere (NALS e pesquisa para a dissertação de mestrado do autor) encontram-se em desenvolvimento. A pesquisa iniciada pelo NALS desde 2008 tem possibilitado não só estabelecer um diálogo com os mestres *griôs* e sua efetiva participação no Fórum de Contadores de Histórias, como também, tem possibilitado uma aproximação entre setores da universidade interessados nesse diálogo e as próprias comunidades a que pertencem os mestres *griôs*. A pesquisa para a dissertação de mestrado do autor está em sua fase inicial, partindo, no entanto, de toda a discussão anterior e dos resultados, mesmo que parciais, já aferidos pelo trabalho realizado pelo núcleo. Como um dos resultados preliminares, temos alguns dos elementos de caracterização dos sujeitos da pesquisa:

Sirley da Silva Amaro, ou Dona Sirley, como é conhecida é uma contadora de histórias de 75 anos, costureira de profissão, conta histórias suas e de seus antepassados a partir de acontecimentos cotidianos e de histórias que lhe contaram ou que ouviu falar; essas histórias remontam, principalmente, às antigas charqueadas e aos clubes e bailes de carnaval que frequentou e que ainda continua frequentando:

Não não, não é costura [quando perguntado se ela teria virado griô por ter sido costureira], é pela arte toda, pela história toda de vida. Porque eu não sei se tu tem visto nas entrevistas que o Griô é de tradição oral, que é aquela pessoa que conta várias coisas, né, de vários tempos. (AMARO, 2006).

Neives Meirelles Baptista, ou mais conhecidamente Mestre Baptista, que também tem 75 anos, foi oleiro, taxista, ajudante de caminhoneiro e motorista de ônibus da empresa Nossa Senhora da Penha, na qual trabalhou por 20 anos até se aposentar.

Espero eu dar mais alguma coisa de minha vida, do que eu fiz pelo carnaval de Pelotas e aquilo que eu sei fazer, que eu aprendi até agora. Agora com as minhas limitações, que eu possa do Griô [...] levar isso que eu sei para essas crianças que estão precisando, essas crianças de periferia, que eu possa ajudar eles a tirar eles da rua, ou aqueles que não foram que também, não vá para rua. Arrumar uma ocupação pra eles, eles vão fazer instrumento, eles vão tocar instrumento, eles vão dançar. Eles vão ser tratados como gente. Esse é o trabalho do Griô, ele ta voltado para as minorias e a melhoria das pessoas, para a melhoria social das pessoas. (BAPTISTA, 2007).

4. CONCLUSÕES

Como buscamos relacionar até aqui, a oralidade e os conhecimentos tradicionais têm sido tomados como expressões fundamentais na identificação cultural dos povos (PELEGRINI & FUNARI, 2008), principalmente da cultura popular, que tem na tradição oral, a acumulação capital de suas criações sócio-culturais. Assim, tomando a contação de histórias como forma de expressão por excelência das comunidades periféricas, entendemos a prática popular da contação de histórias pelos mestres *griôs* – no contexto dos casos aqui apresentados e com as referidas pesquisas ainda com resultados parciais – como processo educativo e de resistência na atualidade, manifesto como forma de educação transformadora, a qual aponta para formas de organização e educação comunitária, importantes para a transformação social.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARO, Sirlei S. Sirlei da Silva Amaro: depoimento. [S.l.]: 2006. **Entrevista concedida ao Museu da Pessoa**. Disponível em: <<http://www.museudapessoa.net/index.shtml>>. Acesso em: 13 ago. 2011.
- BAPTISTA, Neives M. Neives Meirelles Baptista: depoimento. [S.l.]: 2007. **Entrevista concedida ao Museu da Pessoa**. Disponível em: <<http://www.museudapessoa.net/index.shtml>>. Acesso em: 13 ago. 2011.
- BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- BENJAMIN, Walter. **O narrador**. In: OS PENSADORES. Textos escolhidos. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- BHABHA, Homi K. **O Local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. A Tradição viva. In: UNESCO. **História geral da África**. São Paulo: Ática/Unesco, 1982. vol. 1.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- MINC. **Ação griô**. Ministério da Cultura - Secretaria de Cidadania Cultural; Ponto de Cultura Grãos de Luz/Lençóis-BA. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/culturaviva/>>. Acesso em: 12 de ago. 2011.
- PELEGRINI, Sandra; FUNARI, Pedro. **O Que é patrimônio cultural imaterial**. São Paulo: Brasiliense, 2008.